

LÍRICA, MEMÓRIA E HISTÓRIA: BREVE PERCURSO POR ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA DE CECÍLIA MEIRELES E OS “POEMAS DO HOLOCAUSTO” DE ROSE AUSLÄNDER

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i23p42-57>

Sílvia Nauroski Irrgang

Universidade de São Paulo

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo estudar a presença da violência e do trauma em *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles, assim como na produção lírica da poeta judia de expressão alemã Rose Ausländer a partir de seu confinamento no gueto de Czernowitz em 1941. Também irá refletir sobre as contribuições da literatura, sobretudo em relação às futuras gerações, como instrumento de rememoração e na aquisição de uma consciência histórica.

ABSTRACT

*This essay aims to study the presence of violence and trauma in *Romanceiro Inconfidência* Cecilia Meireles, and the lyrical work of the Jewish poet Rose Ausländer since the time of their imprisonment in the ghetto of Czernowitz in 1941. It will also reflect on the contributions of literature, especially in relation to future generations, as a instrument of memorial and the acquisition of a historical consciousness.*

PALAVRAS-CHAVE:

Poesia.
História.
Memória.
Violência.
Trauma.
Formação.

KEYWORDS:

Poetry.
History.
Memory.
Violence.
Trauma.
Education.

Nascidas em 1901, Cecília Meireles e Rose Ausländer são duas poetas em cujas obras memória e história possuem um papel constitutivo. Oriundas de espaços geográficos e contextos sócio-políticos distintos, as poetas são unidas neste estudo por suas obras, ao encerrarem grandes dramas da história da humanidade, abrirem um amplo horizonte à reflexão histórica, sobretudo, em relação ao impacto para a atualidade de experiências de violência e acontecimentos catastróficos de diferentes épocas.

A lírica da poeta brasileira Cecília Meireles (1901-1963) é, de maneira geral, marcada por uma intensa auto-reflexão e por conjugar simplicidade formal e complexidade simbólica, o que permitiu à poeta alcançar uma importante posição nas literaturas de língua portuguesa. Seu *Romanceiro da Inconfidência* (1953), objeto de nosso estudo aqui, começa a ser composto em um momento conturbado na história do Brasil: final da ditadura de Getúlio Vargas (que perdurara de 1930-1945). Por este e outros fatores percebe-se na concepção dessa obra, desde seu pano de fundo, uma reflexão que se refletirá, entre outros aspectos, na sobreposição de tempos e, com isso, de momentos históricos.

O *Romanceiro da Inconfidência* trata do contexto da conspiração ocorrida no final do século XVIII em Minas Gerais, na qual Tiradentes, único conspirador brutalmente executado, tornou-se uma das principais figuras do movimento que objetivou libertar o Brasil de Portugal, principalmente por causa dos altos impostos que os mineradores de Minas Gerais tinham de pagar à coroa portuguesa. Na composição dessa obra, Cecília Meireles se utiliza da técnica ibérica do romance, na qual à história da Inconfidência uma reflexão sobre a história de seu próprio tempo em uma espécie de polifonia textual. Assim, muito além de tratar da insatisfação com as altas contribuições para a coroa portuguesa e dos ideais de liberdade que culminaram na conjuração, o *Romanceiro da Inconfidência* irá tematizar a violência da colonização em seus vários aspectos, desde a obsessão pelo poder até a exploração do trabalho escravo e sua condição cruel e degradante. Em suma, essa obra oferece sob diferentes aspectos uma importante reflexão sobre as proporções do trauma acarretado pela colonização que permanecem até a atualidade.

A obra da poeta judia de expressão alemã Rose Ausländer nascida na Bukowina (1901-1988) é marcada por uma forte tônica autobiografia posto que a experiência do Holocausto, ao mudar radicalmente sua vida, também influenciou fortemente seu processo de criação. Entre os anos de 1941-1944 a poeta esteve confinada no gueto de Czernowitz, hoje Ucrânia, e o trauma desta experiência torna-se, por conseguinte, decisivo para a mudança drástica dos temas de sua lírica. A partir da década de quarenta até o final de sua vida, no final dos anos oitenta, a poeta passa a tratar, em uma grande parte de sua obra poética, do Holocausto e suas consequências, de modo que por quase cinquenta anos Rose Ausländer escreve “Poemas do Holocausto”. A lírica de Rose Ausländer, contudo, ainda que lembrando o sofrimento dos judeus e perseguidos do III. Reich, não se fixará a esse contexto, de modo a ser possível encontrar sua poesia tanto em Antologias de poemas de amor, como de poemas infantis. Neste sentido, a presença notável de elementos de fantasia desempenha um papel fundamental e, apesar da experiência dramática da perseguição nazista, irão permanecer ao longo do desenvolvimento de sua poética. Tais elementos surgem frequentemente em combinação com o tema em questão: seja nas recordações da infância na terra natal, na experiência de confinamento ou na solidão do exílio. Dentre os temas centrais de sua poesia destacam-se o amor e a gratidão pela vida, a esperança, a persistência e, naturalmente, o sofrimento, que surgem permeados por uma forte crítica à violência e à banalização da morte como também de uma intensa reflexão sobre o trabalho poético. Assim, esta característica essencial da poética de Rose Ausländer – a esperança - é o que faz com que sua poética caminhe na “contra-mão” daquilo que se cristalizou como poesia sobre a *Schoah* que, em geral, apresenta uma perspectiva quase sempre imersa no contexto da catástrofe.

Um importante aspecto das obras de Rose Ausländer e de Cecília Meireles com o qual nos deparamos é a diferença de perspectiva a partir da qual partem as reflexões poetológicas e de onde se eleva a voz lírica. Isto ocorre visto que os temas históricos que serviram de inspiração poética para tais obras diferem entre si e também em relação à sua vivência por cada uma das poetisas. Enquanto em Rose Ausländer a reflexão da própria experiência de vida (que também é a experiência coletiva dos judeus) é o foco recorrente ao longo do tempo, em Cecília Meireles o olhar é direcionado ao passado, sobre a história do povo brasileiro. No entanto, a reflexão da poeta brasileira do episódio histórico que contribuiu fortemente para a formação da identidade brasileira não perde de vista as condições de produção da obra – o contexto sócio-político em que a poeta vive, isto é, o autoritarismo do Estado Novo, a

politicagem, as perseguições aos opositores do governo e a instituição da tortura por sua polícia política. Assim, um importante aspecto a ser contemplado é a questão das diferentes memórias que darão forma à essa poesia: no caso da obra de Rose Ausländer, memória pessoal se funde com memória histórica, ao passo que em Cecília Meireles as memórias histórica, social e cultural formarão as bases dessa poética, sem impedir, porém, que a memória subjetiva da poeta nas outras se imiscua.

Cotejar contrastivamente a obra da poeta judia de expressão alemã Rose Ausländer com a da poeta brasileira Cecília Meireles, inserindo-a num contexto intercultural de reflexão e, portanto, para além do âmbito da poesia da *Schoah*, é um grande e profícuo desafio. E pô-lo em prática requer perceber os jogos dialéticos propostos pelas diferentes perspectivas e vivências do tema lírico, isto é, entre "proximidade x distância" e entre "experiência x contemplação" que configuram as composições poéticas estudadas. Tendo essas peculiaridades em mente, nosso intuito é buscar compreender como violência e trauma são recriados em *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, assim como na produção lírica de Rose Ausländer a partir de seu confinamento no gueto de Czernowitz em 1941. Para tanto, percorreremos poemas tanto do *Romanceiro da Inconfidência* publicado por Cecília Meireles em 1953, como de Rose Ausländer publicados entre os anos de 1942-1986.

A poesia de Cecília Meireles caracterizada pelo lirismo intimista, repleto de imagens, símbolos, musicalidade intensa e por profunda reflexão sobre o efêmero e o eterno, não foge à essa regra no *Romanceiro da Inconfidência*. Esta obra é resultado de uma reelaboração poética de informações obtidas através de exaustiva pesquisa que contemplou tanto documentos históricos quanto a tradição oral.

Na retomada que faz da forma medieval do romance a poeta mescla os gêneros épico, lírico e dramático a fim de reconstituir seu episódio histórico. Os temas dos quais o *Romanceiro* trata em seus 85 romances, 2 poemas, 5 falas e 4 cenários são envoltos pelo surto aurífero, a conspiração, bem como sua delação e punição. Esses temas todos surgem permeados pela fugacidade da vida. Dentre eles poderiam destacar-se dois como centrais e em torno dos quais gira a trama sendo eles o **ouro** e a **conspiração**. A personagem de Tiradentes se sobressai dentre eles não sendo mais vista apenas como um dos inconfidentes, mas à sua imagem é atribuída uma simbologia maior como observaremos a seguir.

Na reflexão que perpassa o *Romanceiro* evidencia-se um constante jogo de paradoxos que dá fundamento à obra e que oscila entre presente e

passado. Deste "jogo" apreendo a palavra-chave **violência**¹ (em suas várias facetas apresentadas nos romances: escravidão, exploração, opressão, corrupção, traição) como mote principal para o *corpus* de análise. Fazem parte dele os poemas: "Fala Inicial"², "Cenário"³, "Romance VII ou Do negro nas catas"⁴, "Romance XLIII ou Das conversas indignadas"⁵ e "Fala aos Inconfidentes Mortos"⁶.

A pesquisa exaustiva que Cecília Meireles empreendeu sobre o contexto da Inconfidência Mineira durou vários anos nos quais a poeta se debruçou sobre o material disponível na época. Vale lembrar, no entanto, que ainda hoje há embates históricos sobre o verdadeiro teor da conspiração, assim como especulações sobre a personagem histórica de Tiradentes e sua real participação no movimento inconfidente. Se os registros da Conjuração Mineira apresentam diferentes perspectivas e as análises de suas causas reais ainda são controversas, a produção de uma obra de arte sobre o assunto também não poderia fugir a essa regra. Assim, há aspectos da crítica ao *Romanceiro da Inconfidência* que veem nessa obra mera homenagem aos inconfidentes ou que nela subjuga a importância atribuída aos negros dentro do contexto histórico, ou mesmo acusações de descomprometimento da poeta com os problemas de seu tempo.

O estudo do *Romanceiro da Inconfidência* mostra que a reflexão sobre a inexorabilidade do tempo, um dos principais *leitmotives* da poética cecilianiana, também marca essa obra, agora sob a perspectiva da ameaça de sua ação em esvaecer os fatos históricos ocorridos na antiga Vila Rica. Assim, na "Fala Inicial" a luta contra o silêncio e em prol da memória também se verterá na tentativa de romper os "grandes muros sem eco". E com isso não apenas irá rememorar o sofrimento encerrado no "presídio de sal e treva". Muito além, a indignação do eu lírico perante a crueldade que marca essa época tentará resgatar o passado que embora não possa ser refeito, sua ciência traz consigo a possibilidade de interferir na configuração do futuro. Assim, a tentativa de compreender "esse esquema sobre-humano" de subjugação o trará de volta à memória e essa rememoração contribui para a consciência dos fatos do passado, ou, à consciência histórica nos moldes do historiador alemão Jörn Rüsen, possibilitando, por sua vez, a compreensão do presente. O primeiro "Cenário" no qual o eu lírico contempla "uma angustia de amor" recebe a projeção dos sonhos e anseios da persona poética e de sua época.

¹ Esta pode ser vista como uma extensão do conceito bourdiano de "violência simbólica" que caracteriza toda violência não apenas física, mas também psíquica empreendida contra alguém, além de outras formas menos evidentes.

² MEIRELES, Cecília. *O Romanceiro da Inconfidência*. p.35-37

³ *Idem*, p.38-42

⁴ *Idem*, p.60-61

⁵ *Idem*, p.155-156

⁶ *Idem*, p.278-279

Assim, o cenário aurífero de outrora, devastado, é rememorado com profunda empatia e, através de uma intersecção temporal, também é revivido pela poeta: "De coração votado a iguais perigos, / vivendo as mesmas dores e esperanças, / a voz ouvi de amigos e inimigos." As lembranças do garimpo que surgem através de imagens "do quebrado almocafre aos anjos de ouro / que o céu sustêm nos longos horizontes, // tudo me fala e entende do tesouro / arrancado a estas Minas enganosas," remetem à exploração, não apenas dos metais preciosos das Minas, em uma crítica à exploração econômica advinda desde aquela época, mas traz também uma denúncia da ganância, da opressão e da corrupção responsáveis por grande parte das mazelas sociais brasileiras. A estrofe seguinte "Tudo me chama: a porta, a escada, os muros, / as lajes sobre mortos ainda vivos, / dos seus próprios assuntos inseguros." parece remeter a uma evocação do eu lírico por aqueles que antes padeceram naquele lugar. A memória que, de acordo com a persona poética "(...) também pálida e morta / sobre a qual nosso amor saudoso adeja" recebe agora, através da poesia, a possibilidade de rememoração, do mesmo modo que a voz desses mortos recebe do eu lírico o direito de ecoar na poesia que lhes oferece resgate e redenção. Também aqui percebe-se a fusão do eu lírico com seu tema que imiscuirá essa memória a seus próprios anseios: "por asas de memória e de saudade, / com o pó do chão meu sonho confundia." Este primeiro "Cenário" se encerra apresentando a dimensão que a imagem de Tiradentes, o alferes da cavalaria na Vila Rica do século XVIII, adquire para a posteridade dentro do *Romanceiro da Inconfidência*, bem além das fronteiras daquele contexto político e geográfico: "É a mão do Alferes, que de longe acena. // Eloquência da simples despedida: / ' Adeus! que trabalhar vou para todos!...' ", imagem essa que será retomada em muitos outros romances ao longo da obra. Tal imagem, embora em princípio pareça se aproximar daquela heróica que a história consolidou, recebe uma conotação muito especial: surge como um homem simples (o que remete ao abismo entre classes existente desde aquela época), mas também como ser humano exemplar, constituindo-se em um paradigma da dignidade.

A reflexão indignada do eu lírico sobre o sofrimento imposto pela escravidão, recorrente em vários romances, surge também no "Romance VII ou Do negro nas catas" referindo-se ao canto do escravo e seu significado ambivalente, pois ao mesmo tempo em que representa a esperança cultivada em seu infortúnio, dia após dia, na quimera de encontrar um grande diamante que possa lhe garantir a liberdade: "Pedra miúda não vale: liberdade é pedra grada...", também simboliza um lamento sobre sua triste condição na

vida cativa e suas longas jornadas de trabalho. O "Romance XLIII ou Das conversas indignadas", por sua vez, irá criticar a pusilanimidade, a corrupção e, sobretudo, a banalidade que à vida humana é atribuída ao retomar o destino de Tiradentes, focalizando dentro da trama o cenário de delação marcado pelo jogo de interesses.

Por fim, a "Fala aos Inconfidentes Mortos" encerra o *Romanceiro da Inconfidência* retratando a paisagem local da Inconfidência, imersa em uma noite imóvel e obscura após o desenrolar dos acontecimentos. Eis uma de várias alusões ao esquecimento do lugar que, com este mesmo intuito, fora outrora salgado à mando da coroa portuguesa: "Agora, tudo / jaz em silêncio" e os acontecimentos de outrora "no imenso tempo se estão lavando." O poema consiste em uma profunda reflexão sobre a condição humana através de sua subjugação por sentimentos mencionados pelo eu lírico como: "Negros orgulhos, / ingênua audácia, / e fingimentos / e covardias". Contudo, a memória do ocorrido é guardada em algum lugar onde "referve o embate / de antigas horas, / de antigos fatos, / de antigos homens." O poema se encerra com o eu lírico que parece se posicionar junto ao leitor, enquanto sujeito histórico, diante da reflexão que lança num esforço de compreensão dos fatos: "E aqui ficamos / todos contritos, / a ouvir na névoa / o desconforme, / submerso curso / dessa torrente / do purgatório..." culminando na indagação: "Quais os que tombam, / em crime exaustos, / quais os que sobem, / purificados?" Em suma, ao questionar o "porque de tudo", reitera a fugacidade da vida humana no que permite entrever algo da religiosidade da poeta que remonta ao misticismo oriental.⁷

O estudo do *Romanceiro da Inconfidência* constata uma profunda reflexão sob vários aspectos tanto da violência como da efemeridade do tempo e da existência humana. A constelação na qual se movem os acontecimentos relativos à conjuração é utilizada pela poeta para uma reflexão que ultrapassa esse tempo histórico, o que evidencia que a crítica que atribui ao *Romanceiro* o mero predicativo de "exaltação aos inconfidentes" parece não contemplá-lo em profundidade. Com isso, a percepção das reflexões que o *Romanceiro da Inconfidência* apresenta impõe o reconhecimento em sua autora de uma profunda preocupação e comprometimento social e histórico que ultrapassam os limites de seu tempo e, por conseguinte, do potencial crítico e de denúncia de sua obra. Contestando os aspectos da crítica reducionista, nota-se que Cecília Meireles delineia a experiência da colonização expondo suas diferentes formas de violência entre elas a escravidão, a opressão, a corrupção que culmina no

⁷ DA SILVA, Rosana Rodrigues. "Imagens do absoluto: o simbolismo religioso na poesia de Cecília Meireles", p.137.

massacre de um homem, encarnado por Tiradentes, simbolizando a tentativa de aniquilação dos ideais. Em outras palavras, o *Romanceiro da Inconfidência* desvela a chaga causada pela colonização e possibilita ao leitor a reflexão sobre seu legado.

Um percurso pela obra da poeta Rose Ausländer a partir da experiência do confinamento permite observar o modo como a experiência do Holocausto surge em sua produção poética desde os anos no gueto, em seguida, em seu exílio nos Estados Unidos onde os poemas passarão a ser compostos em língua inglesa, depois, em seu retorno à língua alemã no final dos anos sessenta, até chegar a seus últimos poemas, compostos no lar de idosos da comunidade judaica em Düsseldorf. Para tanto, percorreremos um *corpus* panorâmico que contempla as diferentes épocas de seu processo criativo a partir do período no gueto, isto é, ele reúne poemas de todos os grupos cronológicos desde 1942, de acordo com a última edição de sua obra reunida e que apresenta a seguinte distribuição: do ciclo "Guettomotive" (1942-1944): "Geisterweg"⁸ e "Im Heuschreckenland"⁹. Das poesias em inglês (1948-1956): "After the world was atombombed"¹⁰ e "Waiting for life"¹¹. 1957-1963: "Damit kein Licht uns liebe"¹² e "Wir Meteoren"¹³. 1970-1976: "Auch ich"¹⁴. 1973: "Biographische Notiz"¹⁵. 1976: "Einsamkeit"¹⁶, "Bukowina III"¹⁷ e "Raum II"¹⁸. 1977: "Im Atemhaus"¹⁹. 1979: "Honigkuchen"²⁰ e "Ich vergesse nicht"²¹. 1981: "Ich weiss nur"²². 1983: "Der Morgen"²³. 1985: "Als auf den Fensterscheiben"²⁴. 1987: "Dennoch Rosen"²⁵. Do Espólio: "Zusammenhang"²⁶ e "Trauer III"²⁷.

Em 6 de julho de 1941 as tropas da SS chegam a Czernowitz e no mesmo dia os nazistas iniciam a perseguição sistemática e extermínio da população judia. Em 11 de outubro do mesmo ano o velho bairro judeu da cidade é declarado gueto no qual 60.000 pessoas são confinadas, entre elas a

⁸ AUSLÄNDER, Rose. *Wir ziehen mit den dunklen Flüssen*. p.149

⁹ *Idem*, p.142

¹⁰ AUSLÄNDER, Rose. *The Forbidden Tree*. pp.9-10

¹¹ *Idem*, p.196

¹² _____ . *Wir wohnen in Babylon*. p.112

¹³ _____ . *Die Musik ist zerbrochen*. p.103

¹⁴ _____ . *Wir wohnen in Babylon*. p.37

¹⁵ _____ . *Gelassen atmet der Tag*. p.204

¹⁶ *Idem*, p.85

¹⁷ *Idem*, p.64

¹⁸ *Idem*, p.213

¹⁹ _____ . *Sanduhrschritt*. p.19

²⁰ _____ . *Treffpunkt der Winde* p.46

²¹ *Idem*, p.45

²² _____ . *Hinter allen Worten*. p.69

²³ _____ , Rose. *Und ich nenne dich Glück*. p.68

²⁴ *Idem*, p. 172.

²⁵ _____ . *Brief aus Rosen*. p. 131

²⁶ _____ , Rose. *Schweigen auf deinen Lippen*, p.85

²⁷ *Idem*, p.42

família Scherzer-Ausländer: mãe, filha, nora e neto. Grande parte dos judeus da cidade é enviada aos campos de concentração e os que ficam, passam a realizar trabalhos forçados²⁸. Rose Ausländer sobreviveu a eles e à extrema privação do gueto onde esteve confinada até 1944 fazendo de sua poesia seu refúgio e forma de comunicação consigo mesma. Tais experiências se constituem em uma provação para sua fé e irão se refletir em sua lírica, impregnando-a de uma carga emocional ainda mais intensa.

Assim, entre os anos de 1942-1944, surgem os poemas do ciclo *Guettomotive* que apresentam seu ambiente sombrio e angustiante e iniciam uma reflexão antagônica sobre a *Schoah*. "Geisterweg" e "Im Heuschreckenland" apontam o suplício sob diferentes perspectivas. O primeiro poema traz a realidade de medo e ameaça constante junto ao lamento pela perda do lar. O segundo apresenta uma reflexão sobre essa situação em cenas surreais: "éramos uma / refeição dos corvos na neve" e com indagações metafóricas: "Ou bebemos / mortes estrangeiras / e estamos sepultados / na lua sem sangue?" remetendo ao luto pelos mortos e a angústia gerada pelo risco iminente de deportação. Após a libertação do gueto, inicia-se a busca de um recomeço no estrangeiro. O significado que este adquire como morada estende-se à língua inglesa que irá lhe oferecer também a possibilidade de expressão em um outro idioma, visto que o trauma dos anos em confinamento impossibilita por um bom tempo a escrita poética na língua materna. Na poesia em inglês, como não poderia ser diferente, a reflexão sobre a guerra e suas consequências também se fazem notar como bem mostra o poema "After the world was atombombed", através de imagens surreais e intensa ironia. Um outro poema desta época, "Waiting for life", repleto de elementos de fantasia traz um pouco de esperança nessa fase de transição e a expectativa de que a vida definitiva finalmente aconteça: "Waiting for life in nucleus of a tulip / I inhaled spring with all organs of dream and surprise". No entanto, as marcas do trauma não deixam de transparecer: "Waiting for life at a crossroad I witnessed annihilation / in fallen leaves, in fallen peoples and lands." Percebe-se também que é nessa ocasião que se dá a ruptura com as formas tradicionais. Com o retorno da produção poética em língua alemã, em 1957, parece que o trabalho de luto e do trauma começa efetivamente a acontecer de forma mais consciente. Os poemas "Damit kein Licht uns liebe" e "Wir Meteoren" mostram isso, cada qual à sua maneira, sendo que o segundo, de forma irônica, também parece uma tentativa de compreender o impossível. A consciência da catástrofe e a dor de tantas perdas parecem impor-lhe um castigo por ter sobrevivido.

²⁸ BRAUN, Helmut (org.). *Ich bin fünftausend Jahre jung – Rose Ausländer zu ihrer Biographie*. Radius-Verlag, 1999.

"Auch ich" traz o lamento em um poema que associa a terra natal à Arcádia culminando, no entanto, em intenso vazio e profunda solidão. "Biographische Notiz" rememora o horror dos anos de guerra e a devastação por ela deixada na cidade natal relatando sobre os "chorões / faias de sangue / canto emudecido do rouxinol" e por fim, os anos no exílio. "Einsamkeit" apresenta em uma reflexão profundamente emotiva o destino da poeta. A nostalgia em que "Bukowina III" é imersa, traz de volta as doces lembranças da terra natal, apresentando uma síntese da tríade que perpassa toda a poética de Rose Ausländer formada por pátria-mãe-língua. A poesia, que reflete a importância e a consciência do significado da palavra e do ato de compor, torna-se cada vez mais freqüente. "Raum II" é um entre tantos exemplos. Em toda a produção poética do pós-guerra, e mais intensamente na última década de vida da poeta, a rememoração permanece uma constante. No entanto, a nostalgia e o anseio por aconchego e paz e junto dele, o sentimento de orfandade, gerado pelas memórias da infância e a saudade do amparo familiar parecem adquirir nos últimos anos uma dimensão ainda maior. "Im Atemhaus", com imagens de fantasia, retrata o anseio por um tempo de entendimento e harmonia. A doçura da figura materna, assim como a reflexão sobre seu significado primordial e a lembrança ainda tão viva do tempo de despreocupação da infância que há muito ficara para trás, surgem em "Honigkuchen". "Ich vergesse nicht" traz a rememoração das perdas, a gratidão pelo socorro que lhe possibilitara a sobrevivência e, mais uma vez, a reflexão sobre a importância e necessidade da escrita. "Ich weiss nur" expressa a alegria pela vida, apesar do trauma, assim como "Der Morgen" que, com elementos de prosopopeia e repleto de fantasia, expressa mais uma vez a gratidão pela vida, por mais um dia. "Als auf den Festerscheiben" exprime, sobretudo, a dor pelo paraíso perdido, enquanto "Dennoch Rosen", poema emblemático da obra de Ausländer, traz mais dramaticamente a recordação da devastação da guerra, a banalização da morte, a presença do trauma que permite sempre reviver tais memórias e, apesar de tudo isto, a vida que continua a seguir seu curso. Este poema reflete, sobretudo, a transitoriedade da vida dentro do tempo contínuo. Por fim, os dois poemas eleitos do espólio da poeta apresentam o grande paradoxo da poética de Rose Ausländer que é o de representar o trauma ao mesmo tempo em que retrata o amor e a alegria de viver: "Zusammenhang" traz a leveza do sentimento de comunhão do eu lírico com a natureza e a gratidão pela existência e "Trauer II" busca articular em palavras o que é a dor do luto e o faz sinteticamente ao compará-la a um pássaro ferido. Este poema curto e preciso traz também de forma muito eficaz a postura da poeta diante

da vida para quem dor e esperança convivem, na imagem do pássaro, que embora ferido, não deixa de ser pássaro e voa poeticamente.

A sinopse do percurso poético de Rose Ausländer no pós-guerra confirma que para a poeta, por um tempo, escrever poesia em língua alemã após Auschwitz, para usar a máxima adorniana, foi realmente impossível, o que faz com que a poeta entre os anos de 1948 e 1956 componha apenas em inglês. Seu contato com a lírica americana moderna nesta época foi primordial para consolidar um novo estilo em sua composição poética. Assim, a partir dos anos 50, as formas livres, sem rima e com liberdade de ritmo passam a ganhar cada vez mais espaço e sua poesia vai adquirindo o ritmo das frases da prosa. A partir dos anos 70 se dá em sua lírica um predomínio cada vez maior dos poemas curtos, epigramáticos e do uso de anáforas e *Enjambements*. Deste modo, o desenvolvimento formal e estilístico é marcado pela concisão, fragmentação da poesia. Com a dissolução da forma, o interior da poesia passa a adquirir voz integral, ou seja, o foco recai sobre sua mensagem.

Embora seja notável a ocorrência de mudança formal, estilística e de temas, a reflexão sobre a experiência do Holocausto permanece central e é representada na poesia de Rose Ausländer de diferentes formas e por diferentes perspectivas. Nos anos de confinamento, a fome, a insegurança, o medo, o frio e o desespero são motivos nesta poesia, mas não surgem sempre representando uma visão concreta dessa realidade. É comum nessa poesia que a reflexão sobre a situação vivenciada se dê através de um olhar transcendente que representaria à migração a um outro plano, "a uma outra realidade"²⁹. Vista deste "outro plano", a ameaça concreta da condição no gueto não se constitui o tema principal. Na poesia do pós-guerra a memória do Holocausto aparece como um modo de "tentar processar" o acontecido, e na poesia composta nos últimos anos de vida da poeta ocorre uma intensa reflexão sobre os danos causados pela guerra que acontece agora sob uma outra perspectiva que parece se voltar para o futuro. Em suma, a noção de pátria (*Heimat*) e sua perda é um motivo básico na poética de Rose Ausländer. Com o passar do tempo, esta noção de pátria migra para a poesia, sua pátria passa a ser fundamentada na palavra. Na poesia é possível forjar esse sentimento de lar (*Zuhause*) da criação que remete, por sua vez, ao aconchego materno, vindo por fim, a consolidar-se como memória da catástrofe para a posteridade, isto é, ao passar a diante seu testemunho da vivência da catástrofe contribui para sua conscientização.

²⁹ AUSLÄNDER, Rose. *Weil Wörter mir diktieren: schreib uns!* p.186

Theodor Adorno coloca em xeque o significado e a função da arte no século XX. Para o filósofo alemão, um poema deve valorizar criticamente a história e a experiência política de seu tempo. Pautando-se nestas reflexões, percebe-se que a memória da violência em seus diferentes desdobramentos, ao unir Cecília Meireles e Rose Ausländer neste estudo, também instiga uma importante reflexão em torno dos acontecimentos que essa poesia denuncia. Tal reflexão perpassa tanto a questão da representabilidade da catástrofe quanto à legitimidade desta representação, visto que uma das preocupações de Adorno expressa em sua crítica à arte era justamente o risco de estilização, isto é, de que a representação estética de algo tão nefasto pudesse de algum modo torná-lo menor. Por outro lado, tal pensamento remete a outra questão importante apontada por Susan Sontag em relação ao distanciamento dos fatos catastróficos que o passar do tempo pode acarretar, o que a filósofa chama "ficcionalização da memória"³⁰. Para Sontag esse hiato entre o observador e o objeto de sua contemplação³¹ constitui-se em um abismo entre as imagens e a realidade. Nesse sentido, a filósofa considera que a dor do outro acaba, de fato, por se tornar uma dor menor, isto é, a dor que dói menos.³²

No sentido de reduzir estas distâncias está a literatura que, segundo Anatol Rosenfeld, "é o lugar privilegiado em que experiência 'vívida' e contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a "verdade" e sim a "validade" de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência."³³ Diante disso, estabelece-se como tarefa da crítica o desvendar da obra literária visto que "somente sabendo o que ela é no fundo é que o crítico pode vislumbrar o que ela pode ser."³⁴ Sobre a existência da poesia frente a acontecimentos nefastos o poeta polonês Czesław Miłosz pondera o seguinte: "(...) nos casos de infortúnio que atingem toda uma comunidade, como por exemplo a ocupação alemã na Polônia, o 'cisma entre o poeta e a grande família humana' desaparece e a poesia torna-se um artigo de primeira necessidade, assim como o pão."³⁵ A assertiva do poeta polonês corrobora, por um caminho inverso, a dialética adormiana da impossibilidade e, simultaneamente, imprescindibilidade da arte após Auschwitz, isto é, a necessidade de se realizar o impossível. A radicalidade de Adorno atribui à obra de arte o papel primordial de gerar

³⁰ SONTAG, Susan. *Das Leiden Anderer betrachten*. p.85

³¹ Na obra em questão, *Das Leiden Anderer betrachten*, Sontag se refere à imagens de guerra, de dor e sofrimento, sejam elas reportagens televisivas, fotos ou pinturas.

³² *Idem. Passim.*

³³ ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas da obra literária*. p. 55

³⁴ *Idem*, p. 39-40.

³⁵ CZESŁAW, Miłosz. "Os poetas e a família humana" in: *O Testemunho da Poesia - Seis conferências sobre as aflições de nosso século*. p.64

reflexão, que a verte, em última instância, em um vigoroso instrumento de formação.

As reflexões em torno da arte apontam para a mesma preocupação que também envolve a escritura historiográfica: os empreendimentos artísticos que representam os eventos históricos também demandam análise e senso crítico. Só então estes conseguem estabelecer proximidade entre o sujeito e aquilo que expressam ou documentam, produzindo, com isso, um significado para o indivíduo. Assim, a preocupação que emerge do risco de banalização ou de distanciamento do sofrimento, encontra na literatura uma importante aliada. Enquanto representação estética das experiências de sofrimento de seu tempo, a literatura se impõe como sólido e efetivo instrumento de formação e, mais do que isso, de sensibilização, pois justamente pela possibilidade de causar identificação, também conscientiza. Nas palavras de Antonio Candido: "O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade."³⁶

Assim, percebemos que um dos papéis da literatura é tratar da vida com todos os seus atributos, inclusive o sofrimento, e é exatamente isso o que alcança a lírica aqui contemplada – traz a dor e a violência de volta ao foco e, ao rememorá-las, incita reflexão. Vista sob este outro aspecto, a representação do sofrimento pode significar, paradoxalmente, esperança. Esperança essa investida na possibilidade da literatura em formar e sensibilizar através do compartilhamento de vivências e de conhecimento que promove e, a partir disso, esperança para um futuro mais consciente e mais humano.

E, como pudemos observar, é justamente esse o potencial dos poemas analisados de Rose Ausländer e de Cecília Meireles. Estes resultam em obras de rememoração por excelência, porque trazem novamente à tona a violência e o sofrimento gerados por acontecimentos catastróficos da História, instigando reflexão. As posições divergentes das quais as poetisas partem ao refletirem sobre seus temas, não as impedem de convergir na perspectiva de contemplação do sofrimento, o que resultará em suas obras em uma intensa crítica à violência.

Em suma, a obra de Rose Ausländer ao rememorar em grande parte de sua obra o trauma de acontecimentos nefastos do século XX impõe-nos uma reflexão que jamais deve cessar. O *Romanceiro da Inconfidência* também segue esse mote na denúncia das mazelas sociais advindas do período da

³⁶ CANDIDO, Antonio. "Literatura e formação do homem". *Ciência e Cultura*, 24(9), p.803-809, set. 1972.

colonização e que também reflete aquelas dos anos quarenta e cinquenta, época de composição da obra, suscitando-nos, ainda hoje, uma profunda reflexão sobre os problemas sociais brasileiros com os quais, em pleno século XXI, ainda nos deparamos.

Por fim, este estudo, entre outras coisas, reflete sobre o Holocausto como propulsor do resgate histórico de outros massacres da história da humanidade, a partir do exemplo das poéticas em questão, que também remetem ao genocídio indígena e à escravidão nas Américas. A análise das obras de Cecília Meireles e de Rose Ausländer fomenta uma profunda reflexão sobre a condição humana. No processo de criação das duas poetisas, como pudemos observar, a escrita poética se impõe como uma tarefa que supera a realidade terrena revelando muito de seu olhar para a vida. Para Ausländer, durante os anos de confinamento e posteriormente no exílio, a poesia é percebida muitas vezes como um meio de transcendência, como um lugar seguro, um refúgio e com isso ela se torna de fato um meio de manutenção da sanidade mental. Cecília, ainda que tenha elegido seu tema histórico, percebe o ato de compor como um trabalho etéreo que por vezes se distancia e muito do plano concreto e finito. Assim, a visão da vida terrena, a partir de um olhar transcendental seguramente torna ainda mais severa a percepção da crueldade. Em vários poemas da obra de Cecília Meireles é possível observar, sob diferentes perspectivas, a perplexidade do eu lírico com a ascensão da barbárie no século XX e suas incontáveis vítimas. Tal espanto permanece no *Romanceiro da Inconfidência* pelo olhar crítico aguçado do eu lírico em relação às diversas formas de violência lá retratadas.

O estudo da poética de Rose Ausländer e Cecília Meireles reitera o papel da poesia ao longo de gerações como lugar de resistência e de denúncia. Nesse sentido, também pode se constituir em um lugar de memória ao oferecer ao seu leitor a possibilidade de lançar um olhar sobre o passado e, com isso, possibilitar um verdadeiro *re-cordis* de sua temática, isto é, que esta "torne a passar pelo coração". Cada qual à sua maneira, as poetisas logram recriar em suas obras imagens da violência e do trauma produzidas por seus momentos históricos, instigando uma profunda reflexão para além de seu tempo. E esta é uma das grandes contribuições da literatura, sobretudo em relação às futuras gerações.

A reflexão impulsionada por tais obras em relação à violência leva-nos a lançar um profundo olhar sobre os acontecimentos nefastos de nossa história. A partir dele notabiliza-se que os incontáveis estudos e discussões sobre o Holocausto não apenas garantiram sua rememoração constante, especialmente na Europa, como permanecem ainda instigando reflexão.

Pensar-se o grau terrível de sofrimento humano proporcionado também por outras catástrofes, torna evidente a urgência de que essas também recebam o devido reconhecimento, isto é, um lugar na memória e, por conseguinte, em uma "consciência histórica universal", que as impossibilitem de serem esquecidas. A percepção do descaso da História para com outras catástrofes torna evidente que o Holocausto se constitui de fato em um ponto de inflexão das reflexões históricas, antropológicas e sociais. Tanto que os avanços no âmbito dos direitos civis, resultado de discussões em torno dessa catástrofe, são evidentes, exemplo disso é a criação de termos como "genocídio" (1944), "crime contra a humanidade" (1945), além da mobilização internacional que permitiu a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

No *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles instiga uma profunda reflexão em relação aos temas em torno da colonização no Brasil. Esta obra, justamente através de sua força artística e literária, possibilita uma reflexão sobre as raízes brasileiras, revelando aspectos da estrutura social do país. Seu panorama nos permite rememorar a violência oriunda da condição colonial desde a escravidão, a opressão, a corrupção, os efeitos da política colonial para o Brasil e também o saqueamento não apenas do território brasileiro, mas de toda a América Latina e as consequências disto tudo para suas sociedades atuais. Assim, a opressão do Estado Novo, tão sentida por Cecília Meireles, repercutindo em suas atividades na área da Educação e da imprensa, também marca lugar nessa obra cuja atualidade reside justamente na reflexão que impõe aos brasileiros sobre o legado social que lhes restara do que é ali narrado.

Por outro lado, a análise da experiência histórica dentro do desenvolvimento da poética de Rose Ausländer permitiu verificar as diferentes nuances no trato do tema do Holocausto que a poeta apresenta ao longo dos anos. A partir da experiência de perseguição nazista, a poesia assume o caráter de "sobrevivência" de modo que em toda sua produção poética do pós-guerra, e, sobretudo através da reflexão metapoética presente na última fase de seu processo criativo, pode-se constatar mais do que uma necessidade, uma urgência da poesia após a *Schoah*. E essa urgência irá exceder os anseios do eu lírico em relação à manutenção da própria identidade: a contemplação de seu conteúdo de rememoração (que remete ao sofrimento geral, partindo do particular) também irá adquirir um importante estatuto social visto que sua reflexão favorece o estabelecimento de uma relação mais estreita entre o sujeito e seu legado histórico. Diante disto pode-se afirmar que essa poesia tem condições, de fato, de auxiliar no

"trabalho do trauma" para além do indivíduo, isto é, também da sociedade ao expor suas chagas profundas e sua necessidade de cura.

Assim, pode-se afirmar que o valor universal de tais obras também está em sua contribuição à rememoração de eventos que jamais devem ser esquecidos. Neste sentido, Auschwitz pode e deve ser visto como um ponto de inflexão, não apenas das reflexões históricas, como de fato o foi, mas de todos os debates das ciências humanas e em especial da literatura. Do mesmo modo, é possível e necessário reconhecer-se nessa poesia seu importante papel na formação e humanização do indivíduo, pois ao auxiliar no aprimoramento de uma consciência histórica fundamentada em sensibilidade e empatia, também contribui para evitar outras catástrofes.

Recebido em 26/02/2016

Aprovado em 13/11/2016